MOTIVOS RELACIONADOS À REESCOLHA PROFISSIONAL DE ALUNOS INGRESSANTES NO CURSO DE PSICOLOGIA[1]

REASONS RELATED TO THE PROFESSIONAL REESCOLE OF STUDENTS INGRESSANTES IN THE COURSE OF PSYCHOLOGY

Karina Matias Alves[2]

Solange Zanatta Piva[3]

Resumo: Tendo em vista o aumento de alunos que ingressam no curso de Psicologia, pesquisa-se sobre motivações relacionadas à reescolha profissional de alunos ingressantes no curso de Psicologia, a fim de compreender os motivos relacionadas à reescolha profissional de alunos ingressantes no curso de Psicologia. Para tanto, é necessário identificar escolhas profissionais iniciais dos alunos, verificar os motivos que levaram os alunos à desistência da escolha anterior e avaliar os motivos da escolha do curso de Psicologia. Realiza-se, então, uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, com entrevistas semiestruturadas realizadas com seis alunos estudantes de Psicologia. Diante disso, verifica-se que as motivações estão relacionadas com fatores de influências externas, o que impõe a constatação de que não existe uma escolha segura, pois o reconhecimento da escolha profissional como sendo apenas o primeiro passo para muitas escolhas torna o processo mais seguro.

Palavras-chave: Psicologia. Reescolha profissional. Orientação profissional.

Abstract: In view of the increase of students entering the course of Psychology, it is investigated on Motivations related to the professional re-choice of students entering the Psychology course, in order to understand the reasons related to the professional re-choice of students entering the course of Psychology. To do so, it is necessary to identify the students' initial professional choices, to verify the reasons that led the students to give up the previous choice and to evaluate the reasons for choosing the Psychology course. A qualitative exploratory research is carried out, with semistructured interviews with six students of Psychology students. Therefore, the motivations are related to factors of external influences, which means that there is no safe choice, since the recognition of professional choice as only the first step to many choices makes the process safer.

Keywords: Psychology. Professional re-choice. Professional.

---

[1] Artigo apresentado como trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo (a).

[2] Acadêmica do curso de Psicologia. E-mail: oikarinamatias@gmail.com

[3] Professora orientadora. Mestre em Administração (Universidade Federal de Santa Catarina). E-mail: solange.piva@unisul.br

1 INTRODUÇÃO

A possibilidade de escolher uma profissão torna-se cada vez mais real no mundo, apesar de o trabalho não ser uma prática recente. “Embora o conceito de trabalho exista desde o início das sociedades, a possibilidade de escolhê-lo é um problema relativamente recente” (NEIVA, 1995 p. 9). Com o aumento da industrialização, criaram-se muitos setores de trabalho, surgindo no homem a necessidade da tomada de decisão ser orientada. Nasce, assim, a Psicologia Vocacional, em 1902, tendo seu início votado para alunos de classe média-alta para a escolha de um curso na universidade desejada, entretanto a Orientação Profissional hoje é reconhecida como um movimento global, que abrange todas as classes econômicas, não sendo somente focalizada num curso superior, mas numa escolha de profissão (NEIVA, 1995; RIBEIRO, 2003).

De acordo com Neiva (1995, p. 18), a escolha é um processo contínuo, e não se dá somente sobre o que fazer, mas sobre quem ser, e revela, sobretudo, a identidade do sujeito. Escolher o que se quer ser no futuro implica reconhecer o que fomos, as influências sofridas na infância, os fatos mais marcantes em nossa vida até o momento e a definição de um estilo de vida, pois o trabalho escolhido vai possibilitar ou não realizar essas expectativas.

Devido às transformações sociais, as pessoas têm buscado ajuda de orientação para redefinirem suas escolhas ou carreira profissional, pois sabe-se que a escolha não é definitiva para toda a vida do sujeito, havendo a possibilidade de redefinição. O prefixo “re”, colocado à frente de uma palavra, significa “fazer de novo”. A globalização trouxe novos desafios de carreira ao mundo, com maiores possibilidades de escolhas, excesso de informações, inúmeros cursos e novas carreiras (SOARES, 2002). Tempos atrás, o diploma superior garantia um emprego fixo, e hoje é preciso ter empregabilidade - as empresas buscam profissionais flexíveis, com inúmeras formações e experiências anteriores. Ainda de acordo com a autora, a reorientação tem acontecido em diferentes momentos da vida do sujeito, nos jovens universitários, no meio da carreira profissional, e também na aposentadoria.

O Censo da Educação Superior, realizado anualmente pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), revela que entre o ano de 2012 e 2016 o número de jovens que optaram por estudar o curso de Psicologia cresceu 25,8% (CASAES, 2018), tornando-se, assim, um dos cursos mais procurados, junto aos cursos tradicionais, como

Direito, Medicina e Administração (MATIAS, 2016). De acordo com o site Guia do Estudante (MATIAS, 2016), a procura se dá pela desmistificação de que seja uma área feminina, começando a ser almejada também por homens, e também pelo entendimento de que a terapia deixou de ser um tabu, tornando-se uma busca importante para a saúde da alma. Frente a essas diversas transformações, o indivíduo possui hoje a oportunidade da mudança de um curso superior, após o término, devido à sua mudança de escolha. A presente pesquisa busca identificar quais são os motivos que levam à reescolha na vida do sujeito: insatisfação com a primeira escolha? Aprimoramento de seus conhecimentos?

Mediante análise primária da bibliografia disponível nas bases de dados da Biblioteca da Unisul, Scielo e Pepsic, com as palavras-chave: orientação profissional; orientação profissional and universitários; orientação de carreira and universitários; reorientação; reorientação and universitários; reorientação and psicologia, constatou-se que não há pesquisas suficientes disponíveis sobre os casos de alunos que optaram pelo curso de Psicologia como reescolha. Desta forma, esta pesquisa possui ampla relevância quanto aos estudos e ao conhecimento científico sobre o crescimento da busca pelo curso de Psicologia, além dos principais motivos da segunda escolha.

1.1 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL COMO PROCESSO HISTÓRICO

Antigamente, a forma como se dava a luta pela sobrevivência não dependia de escolhas, pelo contrário, as condições eram estabelecidas, primeiramente, pela estrutura da sociedade e como ela se organizava (BOCK, 2002). Após estas mudanças, o indivíduo passa a não ser mais dependente do que a sociedade o apresentava, e por isso começa a ser capaz de escolher sua profissão. Em complemento a essa discussão, três fatores são comumente considerados relevantes para o surgimento da orientação profissional: mudanças no modo de produção; as doutrinas liberais dos séculos XVII e XVIII; e o desenvolvimento da Psicologia (SILVA, 1996).

Diante dessas necessidades, no Brasil, o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), da Fundação Getúlio Vargas, foi fundado em 1947. Nesta época, tinha como objetivo básico contribuir para o ajustamento entre o trabalhador e o trabalho, mediante estudo científico das aptidões e vocações do primeiro e dos requisitos psicofisiológicos do segundo (SILVA, 1996). Assim como afirma Bock (2002), a escolha profissional assume relativa importância quando, de forma definitiva, instala-se o modo de produção capitalista (BOCK, 2002).

Em seus primeiros dez anos, o ISOP desenvolveu um estudo voltado para técnicas de seleção e orientação profissional, atendendo à classe média alta, para uma tentativa de orientação da futura elite dirigente. Esse instituto também foi responsável pela formação dos primeiros especialistas na área da Psicologia (SILVA, 1996).

No período entre os anos 50 e 60, o principal instrumento de divulgação dos trabalhos de OP eram produzidos pela Revista Arquivos Brasileiros de Psicotécnica, sendo, em sua maior parte, baseados na Psicometria. A partir de 1960, a revista ainda publicou muitos artigos sobre OP, porém, com enfoques um pouco mais diversificados. Além dos estudos experimentais de testes, apresentava estudos sobre, por exemplo, os valores do orientador profissional, as dinâmicas da personalidade, os fatores culturais envolvidos na motivação da conduta humana, a psicologia aplicada à infância e à adolescência, entre outros (SILVA, 1996).

A orientação profissional transformava determinações sociais em características inerentes ao indivíduo, conforme Silva (1996), direcionando os indivíduos para diferentes profissões, conforme suas capacidades, sem considerar as diferentes condições de classe ou a história de vida do sujeito. Desta forma, o objetivo antigo da orientação profissional era contribuir para o encaixe do indivíduo à necessidade da empresa.

1.2 ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

A orientação profissional está vinculada às decisões que os sujeitos devem tomar (quando podem) em relação aos prosseguimentos dos estudos num futuro mais ou menos imediato, e tem como objetivo ajudar o indivíduo a conhecer-se, conscientizar-se de suas características pessoais, e conhecer as diversas profissões, além de clarear determinações subjetivas e objetivas da escolha. Assim, o sujeito terá um melhor conhecimento acerca dos motivos que o levaram a aproximar-se de uma profissão (BOCK, 2002; BOHOSLAVSKY, 1983).

O processo de escolha profissional em nossa cultura inicia-se na adolescência, período de busca de identidade, crises e questionamentos. A Organização Mundial da Saúde classifica a adolescência entre o período de 10 a 19 anos, dividido entre duas fases: a primeira, dos 10 aos 14, e a segunda, dos 15 aos 29 anos (BRASIL, 2018).

Entre a fase infantil e o começo da adolescência, muitas escolhas são feitas pelos pais, como se vestir, onde estudar, e até qual curso extracurricular fazer. Mas, ao chegar ao ensino

médio, cabe ao adolescente fazer a escolha de sua própria profissão para o futuro. Como escolher pela primeira vez algo de suma importância durante uma vida em tão pouco tempo? A partir de que momento surgem as escolhas profissionais?

A escolha tem grande influência familiar e também de pessoas que estão ao redor do jovem. Expectativas de fora precisam ser supridas, e a felicidade precisa ser alcançada, tanto em relação ao que é almejado pelo adolescente quanto pela família deste. Tais expectativas vêm carregadas de afetos, medos e inseguranças, e a ideia da felicidade está atrelada a uma escolha de profissão que o faça feliz, satisfeito, e, claro, tenha uma boa remuneração (SOARES, 2002).

De acordo com a autora, o processo de escolha profissional reativa a escolha dos pais, trazendo à tona conflitos não superados, e, assim, torna-se uma possibilidade inconsciente de reparação de suas próprias escolhas no passado. "O adolescente passa a ser um depositário de fantasias inconscientes da família, cabendo-lhe a incumbência de realizar tarefas não realizadas pelos pais" (SOARES, p. 23, 2002).

Para Bock (2002, p. 96), além da influência exterior citada acima, a escolha também aborda quem o adolescente é. O autoconhecimento e a autonomia estão diretamente ligados a uma escolha madura e sábia. "Por autoconhecimento entende-se a análise da trajetória de vida do próprio sujeito, quanto às formas de escolha e à compreensão de como construiu sua individualidade". Nesse sentido, é importante perceber seus interesses e habilidades, de forma que pense a se desenvolver ainda mais, mudar ou até construir de forma diferente o que visa (BOCK, 2002).

Em concordância com o exposto acima, pode-se dizer então que a escolha é a soma de quem o indivíduo é, e está também relacionada à história de vida do orientando. Soares (1987 p. 13) acrescenta: "Escolher o que se quer ser no futuro implica reconhecer o que fomos, as influências sofridas na infância, os fatos mais marcantes em nossa vida até o momento e a definição de um estilo de vida pois o trabalho escolhido vai possibilitar ou não realizar essas expectativas". Conhecer quem somos, nossos anseios e as expectativas que temos com a escolha possibilitará a maturidade necessária para que a escolha seja realizada.

Quem escolhe, além de estar escolhendo uma carreira para o futuro, está definindo quem vai ser. Diante disto, quando se escolhe quem ser, também se escolhe quem não ser, escolhe-se deixar de ser adolescente e deixar de ser outro profissional. A escolha também implica com lutos em relação a escolhas secundárias, à imagem depositária dos pais e à infância (BOHOSLAVSKY, 1977). Ao dar um passo para a escolha, as possiblidades secundárias são

substituídas, ficando para trás. Esta decisão pode se configurar como um luto, pelo fato de o indivíduo precisar abdicar de outras ideias profissionais.

Conforme aponta Bock (2002), a escolha do que se quer ser no futuro é feita a partir de referências passadas do indivíduo e de escolhas feitas até então. Porém, a novidade está na aceitação de que não existe uma profissão especial para cada pessoa, mas que existem diversas pessoas para cada profissão.

A valorização do status profissional também é caracterizada como forte influência da sociedade sobre a escolha profissional. De acordo com Soares (1987), o jovem também busca na profissão uma forma de sentir-se mais valorizado.

Para aprofundar o assunto desta pesquisa, o próximo capítulo abordará as questões de reorientação de carreira.

1.3 REORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

O termo reorientação compreende um atendimento diferenciado ao de orientação de carreira tradicional. A reorientação atinge pessoas que já obtiveram uma experiência com a universidade ou no mundo do trabalho, mas que, mesmo assim, vieram buscar uma “nova” orientação (SOARES, 2002).

Para Soares (2002, p.160), reorientar pode ser usado como um termo para facilitar a adaptação profissional. O objetivo maior da reorientação é “trabalhar a relação homem-trabalho, a vivência no desempenho da profissão, os sentimentos experimentados e as mudanças exigidas”, permitindo que o indivíduo tenha progresso nas suas próximas escolhas.Segundo a autora, a reorientação traz consigo diversas angústias, sensações de rompimento, mudanças de ambiente e uma grande pressão familiar, o que impede que o indivíduo faça suas próprias escolhas, mesmo estando insatisfeito.

Para que a segunda escolha profissional aconteça, é preciso romper laços com o que já foi construído, conforme pontua Soares (2002), que também questiona: mas como deixar uma profissão que nos acompanhou até então, garantindo nosso sustento?

Continuando a linha de raciocínio citada acima, Soares-Lucchiari (1997, p. 85) afirma:

> Se pensarmos a re-orientação como um "escolher de novo" colocamos o adulto frente à um conflito de desenvolvimento, isto é, se por um lado ele está passando

> por uma fase de "acomodação e consolidação" por outro lado ele deve voltar a "ser jovem" para poder "escolher de novo", começar de novo uma nova carreira. Tarefa esta que não é fácil para ele.

Para a autora, faz-se necessário romper com as certezas que estão ao redor de uma escolha antiga. Quando uma primeira escolha é feita, o indivíduo tem a intenção de ser feliz na profissão, então toda a felicidade é guardada para a realização profissional. Porém, ao ser confrontado com a prática e a realidade da profissão, este pode entrar em crise (SOARES, 2002).

Embora os reorientandos possuam mais experiências de vida e um nível de questionamento maior, não significa que o processo da segunda escolha seja fácil. Esta decisão dependerá de como o indivíduo lida com conflitos, e como tem vivenciado até agora a sua escolha, e, ainda, como consegue lidar com processos decisórios e suas consequências (SOARES, 2002).

Diante disto, este processo pode proporcionar um esclarecimento ao levar as pessoas a se sentirem encorajadas a acreditar em si próprias, independentemente das expectativas das outras pessoas.

1.4 O PAPEL DO ORIENTADOR

O orientador profissional tem como função orientar e informar, e não somente indicar para qual direção o orientando deve seguir. O trabalho realizado pode ser considerado como a elaboração de um projeto de vida no mundo adulto, através de ferramentas como conscientização das identificações, conscientes ou inconscientes. Por meio deste método, Soares (2002) ressalta que o orientador pode auxiliar as pessoas no entendimento das novas tendências profissionais, algo que as instituições têm negligenciado durante algum tempo.

Dessa forma, o profissional deve estar sempre preparado para atender tal demanda, e estar em constante reciclagem, a fim de se tornar qualificado a acompanhar tais mudanças (SOARES, 2002 e BOCK *et al*., 1995)

O orientador tem como atribuição auxiliar no processo de readequação a novas carreiras, na identificação e avanço de capacidades pessoais, também desenvolvendo novas ocupações, como criatividade, flexibilidade, espírito de equipe, entre outras. Portanto, busca compreender relações entre as diversas ocupações experienciadas pela pessoa e suas questões psicológicas,

com a finalidade de preservar a integridade de sua identidade pessoal e profissional.(SOARES, 2002)

A autora também ressalta que o orientador possui o papel de contribuir para a reflexão da busca por novos caminhos profissionais, colaborando para que o indivíduo se dê conta de como lida consigo, com as relações de trabalho e sociais, e, havendo necessidade, pode reestruturar tais relações de um modo mais adequado. Em concordância, Bock *et al*. (1995) afirmam que o orientador profissional esclarece situações, concientizando e vinculando a problemática do adolescente, de acordo com a escolha de seu futuro, abordando seu contexto histórico e as situações locais onde esta escolha se dá.

De acordo com Bock *et al.* (1995), ao discutir sobre a modificação do mundo do trabalho, o orientador talvez precise executar um novo modelo de escolha, incluindo grandes especializações, um modelo que demonstre a opção pela escolha de uma forma mais dinâmica. Os autores também afirmam que é preciso conhecer, e até tentar prever, o futuro das profissões, assim como ter em mente a realizadade nacional do plano educativo e econômico em que o jovem se encontra.

Diante do exposto sobre a execução de um novo modelo de escolha, Bock *et al*. (1995) discorrem sobre as novas exigências que estão surgindo no momento da escolha:

> A escolha é multi e sobredeterminada. As contradições sociais e as demandas sociais expressam-se epor meio de novas exigencias, que o sujeito percebe atraves da familia, da estrutura educacional e dos meios de comunicação em massa. Todas estas questões trazem para o campo da orientação profissional novos problemas. Destaco aqui, o desmoronamento da identidade profissional. Vemos cada vez mais frequentemente adultos cujo sentido de sua profissão se perdeu- sao adultps que escolheramde forma madura, mas que entretanto, por alguma razão, nao encontram mais sentido na sua escolha. (BOCK *et al*., p. 244, 1995).

Hoje, a orientação profissional é um campo que transcende, e muito, a situação individual de cada orientador e suas técnicas, pois converge todos os conflitos de ordem social, institucional e psicológica que marcam o dia a dia (BOCK *et al*., 1995).

1.5 UNIVERSIDADE DE PSICOLOGIA NO BRASIL

Os cursos de Psicologia estão presentes nas universidades brasileiras desde 1953, quando foi criado o primeiro curso de graduação em Psicologia, na Pontifícia Universidade

Católica (PUC), e na década de 60, na Universidade de São Paulo (SEIXAS, 2014; UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA, 2015).

Anteriormente, as Escolas Normais (atualmente ISERJ – Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro) assumiram a disciplina de Psicologia e Lógica com a função de preparar os alunos para o ensino superior. A partir disto, tendo como base a importância do saber psicológico para o ensino superior, este passou a ser utilizado como suporte para a pesquisa em psicologia, e, como resultado, houve um impulso para a construção de laboratórios de Psicologia no Brasil, como, por exemplo, o Pedagogium, considerado o 1º Laboratório de Psicologia experimental do Brasil, sob o comando de Manoel Bonfim, e idealizado por Binet, tendo surgido no final do século 19 (SEIXAS, 2014).

Até 1930, a Psicologia foi vista como um saber "interdisciplinar", já em 1934 tornou-se uma disciplina obrigatória na USP (Universidade de São Paulo) nos cursos de filosofia, ciências sociais e pedagogia, além de todos os cursos de licenciatura (SEIXAS, 2014).

Após 30 anos, dispõe-se a Lei de regulamentação da profissão, nº 4.119, em 1962. Inicialmente, de acordo com o art. 1º, a formação de Psicologia se dava pelas Faculdades de Filosofia, em cursos de bacharelado, licenciatura e psicologia (BRASIL, 1962).O perfil, hoje, de formação do Bacharel em Psicologia orienta-se pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, cuja meta central da formação do psicólogo deve assegurar princípios e compromissos, como respeito à ética; construção e desenvolvimento do saber científico em Psicologia; compreensão crítica de fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos; atuação em diferentes contextos considerando as necessidades sociais, entre outros (BRASIL, 2011).

Portanto, para a habilitação profissional de psicólogo, é preciso ter a formação de 5 anos no curso de Psicologia e o registro no orgão profissional competente.

Com o objetivo profissional de identificar e intervir nos fatores determinantes das ações e dos sujeitos, em sua história pessoal, familiar e social, o psicólogo possui um conjunto de técnicas e de conhecimentos que o permitem entender o que o outro fala, suas expressões e comportamentos, formando um quadro de análise baseado cientificamente que procura descobrir as razões, pensamentos, desejos e emoções (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002). Ele identifica e intervém nas ações do sujeito, conhecendo sua história pessoal, familiar e social, unindo-a também a condições culturais e políticas (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

Conforme o Conselho Federal de Psicologia, é papel do psicólogo:

> O psicólogo desempenha suas funções e tarefas profissionais individualmente e em equipes multiprofissionais, em instituições privadas ou públicas, em organizações sociais formais ou informais, atuando em: hospitais , ambulatórios, centros e postos de saúde, consultórios, creches, escolas, associações comunitárias, empresas, sindicatos, fundações, varas da criança e do adolescente, varas de família, sistema penitenciário, associações profissionais e/ou esportivas, clínicas especializadas, psicotécnicos, núcleos rurais e nas demais áreas onde as questões concernentes à profissão se façam presentes e sua atuação seja pertinente. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

Em suas diversas áreas de atuação, o psicólogo não atua somente na clínica, mas também no âmbito da educação, saúde, lazer, trabalho, segurança, justiça, comunidades e comunicação com o objetivo de promover, em seu trabalho, o respeito à dignidade e integridade do ser humano. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

A Psicologia, em seu desenvolvimento histórico como ciência, criou teorias explicativas da realidade psicológica, ou descritivas do comportamento, bem como métodos e técnicas próprias de investigação da vida psicológica e do comportamento humano (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia, o profissional psicólogo tem como atribuições:

O psicólogo clínico atua na área da saúde, e tem como exercício profissional a realização de diagnóstico psicológicos, avaliação de testes e tratamentos psíquicos e também realiza atendimento individual, grupal, familiar e/ou casal para acompanhamento terapêutico. Trabalha em situações de agravo físico e emocional, como também nos momentos de internações, intervenções cirúrgicas, exames e altas hospitalares. Participa na elaboração de programas de pesquisa, programas educativos, treinamento em saúde mental em instituições, bem como colabora no planejamento de políticas de saúde. Atua na coordenação e supervisão de atividades de Psicologia em instituições de ensino e realiza pesquisas para a construção e desenvolvimento do conhecimento teórico e aplicado no campo da saúde mental. Participa de programas de atenção primária em centros e posto de saúde junto à equipe multiprofissionais, visando a prevenção de doenças, organizando grupos específicos, visando a promoção da saúde (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

O psicólogo do trabalho atua nas relações de trabalho em organizações sociais formais ou informais, tendo em vista a ampliação do conhecimento da Psicologia para a compreensão, intervenção e desenvolvimento das relações. Planeja e avalia análises de trabalho para

aperfeiçoamento no desempenho de cargos e funções, elabora em equipe multiprofissional programas de treinamento e formação, para a otimização de recursos humanos. Participa do recrutamento e seleção pessoal, acompanha o processo de avaliação pessoal, tais como: promoções, planos de carreira, remuneração, etc. Trabalha no planejamento, coordenação, execução e avaliação de programas de treinamento, capacitação e desenvolvimento de recursos humanos. Participa e colabora para estudos, programas e projetos referente a organização do trabalho e definição de papéis ocupacionais como remuneração, rotatividade e absenteísmo. Acompanha implantação de projetos de mudança nas organizações, tendo o objetivo de facilitar a absorção aos colaboradores. Participa do preparo a aposentadoria e processo de desligamento dos funcionários (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

O psicólogo do trânsito efetua exames psicológicos de aptidão profissional em candidatos a habilitação para dirigir veículos automotores. Colabora com a elaboração e implantação de sistemas de sinalização de trânsito e participa de equipes multiprofissionais focalizando a prevenção de acidentes de trânsito. Contribui e desenvolve projetos e estudos de educação de trânsito. Estuda implicações psicológicas do alcoolismo no trânsito, assim como na ocorrência de acidentes. Apresenta laudos, pareceres e depoimentos de acordo com a solitação da justiça, servindo como instrumento comprobatório para a aplicação de leis, e também atua como perito em exames para motorista, tendo como objetivo sua reabilitação profissional (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

O psicólogo educacional colabora para a compreensão e mudança de comportamento no processo de ensino, nas relações e processos interpessoais e intrapessoais, nas dimensões política, econômica, social e cultural. Desenvolve a explicitação e superação de dificuldades institucionais e colabora para o funcionamento produtivo das equipes e crescimento de seus integrantes. Realiza atividades visando a prevenção, identificação e resolução de problemas psicossociais que possam ser obstáculo para o desenvolvimento de potencialidades, auto-realização e exercício da cidadania. Elabora ações coletivas e interdisciplinares para uma metodologia que favoreça a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, e também executa pesquisas relacionadas a compreensão do processo ensino-aprendizagem, com o objetivo de atualizar e/ou reconstruir o projeto pedagógico. Desenvolve programas de orientação profissional para o benefício e desenvolvimento do potencial humano. Diagnostica as dificuldades dos alunos e faz o encaminhamento necessário aos serviços de atendimento e, orienta e executa trabalhos na área de Psicologia Educacional (CONSELHO FEDERAL DE

PSICOLOGIA, 1992).

O psicólogo jurídico atua no âmbito da Justiça, nas instituições governamentais e não-governamentais. Sua atuação contribui no dado psicológico que é repassado para os juristas e sujeitos que necessitam de tal intervenção. Além disso, assessora na formulação, revisão e execução de leis, e também na implantação das políticas de cidadania e direitos humanos. Avalia condições intelectuais e emocionais das pessoas em processos jurídicos, em suas diversas condições, seja por deficiência mental, aceitação em lares adotivos, guarda de crianças ou responsabilidade por atos criminosos. Possui atuação como perito nas varas cíveis, elaborando laudos, pareceres e perícias e elabora petições sempre que solicitado pela Justiça para juntá-las ao processo. Contribui com pesquisas e programas de prevenção à violência, e de pesquisa criminal (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

O psicólogo do esporte promove ações usufruindo de técnicas psicológicas para a realização pessoal e melhoria no desempenho do esportista e em nível grupal. Acompanha o desenvolvimento dos esportistas, planejando o estudo das variáveis psicológicas que possam interferir no desempenho de suas atividades. Visando a preparação psicológica, o profissional também realiza atendimentos em nível pessoal ou grupal. Encaminha o esportista ao atendimento clínico quando necessário uma intervenção psicológica, e também elabora pareceres sobre os aspectos psicológicos do esportista, quando solicitado (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

O psicólogo social desenvolve um trabalho desde a perspectiva de homem e da sociedade, o que possibilita que o profissional atua em qualquer área da Psicologia. Tem atuação em organizações comunitárias, equipes multiprofissionais para o diagnóstico, planejamento e execução de programas comunitários na área da saúde, lazer, educação e trabalho. Auxilia órgãos públicos e particulares na implementação de programas sociais, em situações planejadas ou não. Também colabora nos meios de comunicação, no assessoramento quando aos aspectos psicológicos nas técnicas de comunicação e propaganda. Pesquisa e analisa aspectos psicológicos que influenciam o comportamento do consumidor (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

O professor de psicologia no ensino superior ministra aulas de Psicologia para a formação de psicólogos ou outros profissionais que demandam conhecimentos científicos de Psicologia. Leciona acerca dos instrumentos e técnicas psicológicas, instrui acerca dos conhecimentos e práticas de atuação do psicólogo, e nas variadas áreas de aplicação da

psicologia, como por exemplo, no trabalho, saúde, educação, justiça e nas comunidades. Tem como dever assegurar condições necessárias ao desenvolvimento cientifico, analise crítica e postura ético-profissional do aluno. Colabora na supervisão de estágios, no campo interno ou externo da instituição de ensino universitário (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

2 MÉTODO

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, sendo um estudo da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando a relevância de todos os pontos de vista (GODOY, 1995).

A pesquisa teve suas principais características em "respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis" (PORTELA, 2004).

A classificação desta pesquisa quanto aos objetivos foi exploratória, tendo como objetivo "proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições" (GIL, 2002, p. 41).

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa foi classificada como estudo de caso, a qual, de acordo com Yin (2001), contribui para a compreensão de fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos, além de permitir uma investigação preservando características holísticas e significativas.

2.1 PARTICIPANTES

A população dessa pesquisa foram alunos do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina - Campus Tubarão que estejam cursando Psicologia a partir de uma reescolha, tendo a primeira graduação em outra área ou incompleta. Foi critério de exclusão: menores de 18 anos e estudantes que estejam cursando sua primeira graduação, e, para inclusão, estudantes que trancaram seu curso de primeira escolha e escolheram Psicologia como uma nova opção. Para a composição dos participantes, obteu-se um levantamento das matrículas dos últimos 3 semestres, a partir de dados obtidos pela coordenação do curso. A amostra foi composta por 6 participantes que aceitaram participar. Para a realização da pesquisa, foi feito

contato telefônico com o indivíduo, convidando-o para uma entrevista, realizada no Serviço de Psicologia – UNISUL. A amostra foi do tipo não-probabilística por acessibilidade, tendo em vista a seleção com base nas características percebidas como relevantes pelo pesquisador (GIL, 2002).

2.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

A coleta de dados foi executada a partir da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – Unisul). Após esta etapa, realizou-se o contato prévio com os estudantes após transferência de curso, ou em sua segunda graduação. Os dados dos alunos foram obtidos através da coordenação do curso, sendo parte 6 alunos participantes, estudantes do 1º, 2º e 3º semestre do curso. Seguidamente, foi prevista a data para a entrevista individual, sendo realizada no Serviço de Psicologia - Unisul, com duração, em média, de 40 minutos.

Os estudantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndice A) e o Termo de Autorização para Gravação de Voz (anexo A), no dia da aplicação das entrevistas. É importante salientar que, mesmo após a assinatura do TCLE, estes não foram obrigados a participar. A pesquisa é de caráter voluntário, e os pesquisados podem retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem serem penalizados por isso. O TCLE foi lido e explicado pelo pesquisador no dia da aplicação da entrevista. Logo depois, o TCLE e a gravação foram recolhidos pelo pesquisador.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas, sendo os participantes seis estudantes que atualmente cursam Psicologia, oriundos de outros cursos. As entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo, sendo as categorias: 1. Escolha inicial; 2. Motivos da desistência; 3. Escolha pela Psicologia.

1. Escolha Inicial

Em relação às escolhas iniciais dos estudantes, as falas dos entrevistados descrevem o processo de escolha realizado. Dentre estes, foram apresentadas as influências familiares, a função do trabalho em relação à escolha e a procura de emprego.

“Contábeis. Mais pela área de procurar emprego mais rápido em algum escritório assim” (E1).

“Gastronomia, porque eu sempre gostei. Quando eu tinha 10 anos eu dizia que eu tinha um castelo na França e que eu queria ser um chef. [...] minha família é envolvida com isso, a minha tia tem um restaurante, minha vó sempre viveu na cozinha [...]” (E3).

“As circunstâncias me levaram a escolher fazer administração, não por uma escolha minha, mas pela circunstância, a empresa pedia que a gente fizesse” (E4).

“Foi arquitetura. Na verdade, no ensino médio eu nunca gostei de nada, nunca me encheu os olhos, mas o meu namorado faz engenharia civil, a minha prima que morava comigo por um tempo fazia arquitetura, então eu vi como era o cotidiano, a rotina e achei legal” (E6).

Evidencia-se, a partir das falas dos jovens, a escolha de uma profissão por razões ou influência da profissão dos pais ou outros familiares, como afirmam, por exemplo, E3 e E6. Os entrevistados relatam que suas escolhas foram motivadas pelas escolhas já feitas ao seu redor. Para E3, o fato de ter a família envolvida na culinária foi uma grande influência para a escolha, pois crescer em meio ao ambiente culinário o fez gostar da área, e, para E6, conhecer a rotina do curso foi um fator determinante para a escolha. Para Bock (2002, p. 78), “ao pensar numa profissão, a pessoa mobiliza uma imagem que foi construída a partir de sua vivência por meio de contatos pessoais, de exposição à mídia, de leituras e de ouvir dizer”. Pode-se dizer, nesse entendimento, que E3 e E6 projetaram nas profissões escolhidas naquele momento uma imagem que construíram ao longo da vida, a partir do envolvimento da tia e da vó na cozinha, ou da experiência da prima e do namorado com aquela carreira.

“A escolha está sobredeterminada pelos familiares, meios de comunicação ou estrutura educacional onde se está inserido” (BOHOSLAVSKY, 1983 p. 44). Desta forma, desde o nascimento, o jovem é acompanhado por desejos e fantasias que seus familiares têm sobre ele em relação ao seu futuro (SOARES, 2002). O jovem, muitas vezes, escolhe uma profissão sem conhecer as influências que são recebidas do meio familiar, e a necessidade de cumprir ou não com as expectativas e desejos familiares varia de uma pessoa para outra, dependendo também do grupo social do qual faz parte (SOARES, 2002).

Ao escolher a forma de entrar no mundo do trabalho e a forma de desenvolvê-lo, o estudante o faz a partir de imagens adquiridas durante sua vida, identificando-se ou imaginando-se ser como alguém já visto. A identificação com a influência é o ponto de partida da escolha profissional, assim, a escolha a partir de uma imagem formada pode gerar uma aproximação ou afastamento a respeito da ideia da profissão, de acordo com o modelo seguido pelo estudante (BOCK, 2002).

> Entram assim, em sua escolha, todos os elementos que ingressaram em seu mundo psíquico. Suas expectativas em relação a si próprio, seus gostos, as habilidades que já desenvolveu até o momento, a profissão das pessoas que lhe são significativas, as imagens registradas no seu mundo interior relacionadas às profissões, a percepção que tem de suas condições materiais, seus limites e possibilidades, seus desejos, tudo aquilo que deseja negar, tudo aquilo que deseja afirmar, enfim, todo o seu mundo interno é mobilizado para a escolha profissional, inclusive fatores inconscientes, que também entram neste jogo, e com muita força. (BOCK, 2002, p. 316).

Sobre a dificuldade de escolha de E4, a empresa em que trabalha possui um enfoque diferente do curso que gostaria de realizar, dessa forma a empresa incentivou que ela escolhesse um curso que se relacionasse com sua atividade laboral. Percebe-se a divergência que os estudantes precisam lidar quando escolhem um curso para estudar durante o período noturno, diferente da área em que precisam também trabalhar durante o dia. Soares (2002) discorre sobre a ambivalência do aluno entre viver o trabalho e o estudo. A sobrevivência é tão importante quanto o estudo, e muitas vezes a escolha profissional não está nem um pouco relacionada ao trabalho desenvolvido por ele.

Como trabalho, entende-se: "atividade desenvolvida pelo homem ao produzir algo útil para a comunidade. Sempre estará relacionado com algum benefício social, alcançado direta ou indiretamente" (SOARES, 2002). O trabalho, além de ter sua importância como base de renda para a sobrevivência, também é parte integrante da vida das pessoas. Em nossa sociedade, a participação se dá mediante o trabalho realizado. O jovem acaba se acostumando com dois papéis: de estudante e de trabalhador.

"O que eu faço se já to com 35 anos, vou continuar fazendo coisas pela empresa? Esse processo de não fazer psicologia e fazer administração era como se eu tivesse me corrompendo, passando por cima da minha vontade pra atender ao interesse de alguém" (E4).

Ressalta-se a dificuldade que o estudante tem para romper com a escolha feita por outros, família ou empresa, para finalmente buscar o seu verdadeiro desejo. O estudante pode, possivelmente, viver somente pela escolha de outros durante toda a sua vida, dedicando-se apenas a eles.

Soares (2002) conta que o momento de ruptura "apresenta-se como uma crise por sua falta de controle e previsão". O medo da decisão pode estar relacionado ao fim da carreira a que foi obtido até o momento. Ainda assim, a ruptura obriga o sujeito a tomar consciência de seus desejos, deixando de lado todos os determinantes, internos ou externos, que o impediram até

agora de se realizar profissionalmente (SOARES, 2002). Nesse sentido, as escolhas deixam de ser submetidas ao outro (empresa e família), e passam a ser feitas, finalmente, pelo próprio estudante.

> Escolher é um ato de coragem. No momento final da decisão, você terá que ter a coragem de escolher também o que perder. Vive-se a escolha que se fez e se constrói o projeto de amanhã considerando a escolha feita hoje, para que ela sempre faça parte de nosso cotidiano (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

A escolha não acontece de repente na vida das pessoas, mas é parte de um procedimento de crescimento e reflexão pessoal, assim como o conhecimento das profissões e a atividade profissional a partir delas. No entanto, sem essa instrução, muitas vezes o jovem é levado a escolher qualquer curso disponível, só para não perder a oportunidade de realizar o vestibular (SOARES, 2002). Quando o estudante ingressa na universidade, muitas vezes acaba gostando da escolha feita, e, em outras, não se sente satisfeito e tenta o vestibular mais uma vez.

É possível destacar a importância do autoconhecimento durante o ato da escolha. "Por autoconhecimento, entende-se a análise da trajetória de vida do próprio sujeito, quanto às formas de escolha e à compreensão de como construiu sua individualidade". Nesse sentido, é importante perceber seus interesses e habilidades pessoais, para que possa correlacionar entre si as profissões disponíveis que mais sejam parecidas com ele (BOCK, p. 96, 2002). Para Soares (2002), na escolha imatura, e sem reconhecimento de si mesma, a pessoa terá sempre o medo de errar, e errar de novo, de perder mais tempo de sua vida fazendo algo que não a deixa feliz, nem realizada.

A busca por informação quanto à profissão escolhida pode aumentar significativamente as chances de seguir o caminho certo para a decisão. Bock, Furtado e Teixeira (2002) citam que quanto mais informações o indivíduo conseguir sobre determinada profissão, mais elementos para a escolha ele terá, aumentando, assim, a probabilidade de a escolha ser a mais acertada. Portanto, ao definir as possíveis profissões a serem seguidas, uma completa busca por informações pode auxiliar a decisão final.

Constata-se que as falas dos entrevistados vem ao encontro das teorias citadas acima, todas as escolhas encontraram-se relacionadas a algo. As influências apresentam-se como um dos fatores desencadeantes para a escolha. A dificuldade de ruptura com a escolha do outro sobre si, e também a importância financeira do trabalho, dificultando o processo de formação

dos estudantes que necessitam trabalhar e estudar ao mesmo tempo, demonstram a dificuldade que o estudante tem de se encaixar no mundo do trabalho, já que sua escolha profissional nem sempre vem ao encontro da necessidade econômica, e o emprego oferecido. É também relevante complementar que todas as escolhas estão diretamente ligadas ao autoconhecimento, pois sabe-se que a partir do entendimento que o indivíduo tem consigo mesmo, com as relações externas e com o mundo, abre possibilidade de realizar uma escolha segura.

2- Motivos da desistência

Em relação aos motivos da desistência dos estudantes, as falas dos entrevistados podem ser relacionadas aos seus motivos de escolha, ou seja, tais motivações corroboraram para o gerenciamento da necessidade de uma reescolha. Entre os motivos relatados, pode-se destacar:
"Eu não gostei muito. Fiz mais no impulso sabe, só pra entrar na faculdade depois do terceirão. Eu estudava e nunca tirava uma nota boa, daí parecia que mesmo eu querendo… e também a matéria em si não era muito, era mais exatas" (E1).
"Com o valor que era a mensalidade não tinha como pagar" (E2).
"Mas eu percebi que a gastronomia seria mais um hobby, não seria uma coisa em que eu ia seguir, porque assim, eu gosto do trabalho, eu gosto do serviço, mas eu penso que ficar trancado dentro de uma cozinha pra mim já não serve" (E3).
"Na época as circunstâncias da vida, meu pai não tinha condição de me bancar, eu tinha que trabalhar, aí comecei a trabalhar e deixei de lado. Meio que abri mão de mim com medo de perder o emprego, o medo foi o que mais se assombrou" (E4).
"Eu tava me saindo mal nas matérias, não tava conseguindo me situar, entender. Sabe quando tu ve que não é isso que tu quer pra tua vida? Não bate contigo? Aí não deu certo" (E6).

A vivência com o erro de uma escolha gera ansiedade e sofrimento, muito diferente da felicidade que o estudante imaginava encontrar quando escolhe uma profissão para seguir. A insatisfação é gerada pelo fato de ele estar fazendo o que não gosta, o que torna a desistência um processo de resolução de conflito da escolha profissional. Quando se dá preferência a uma possibilidade, perdem-se todas as outras, então surge a questão: qual seria a melhor? Esta dúvida é impossível de ser respondida, e não é verdade dizer que exista apenas uma alternativa correta (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002). Sua preocupação, a partir de então, passa a ser a de não cometer o erro novamente (SOARES, 2002).

Fazer uma escolha significa projetar um desconhecido. Pode-se obter um bom resultado ou não, porém a insegurança é parte do processo. "Escolher é um ato de coragem. No momento

final da decisão, você terá que ter a coragem de escolher também o que perder." (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002). É cabível dizer que não existem escolhas totalmente seguras. Existem, sim, escolhas mais segura e menos seguras. É importante ressaltar que a escolha não define o resto da vida de uma pessoa, é um pequeno primeiro passo do resto de sua vida, sendo seguido por vários outros primeiros passos (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Para os que desistem da primeira escolha, mesmo apresentando um nível de questionamento maior, o processo de decisão ainda não é fácil. O procedimento de mudança de decisão depende de como cada um lida com seus conflitos e vivencia os dilemas de sua escolha. O ato de reescolher pode conceder um esclarecimento e encorajar as pessoas a acreditarem em si mesmas, contrapondo suas escolhas com as expectativas de outras pessoas (SOARES, 2002).

> A escolha, portanto, pressupõe conflito e será mais segura se a existência de conflito for aceita e houver uma busca de informações a respeito das diversas alternativas; se levar em conta a história da pessoa (autoconhecimento) e o contexto em que ela se dá (econômico, social, político, cultural, tecnológico). Entretanto, tais conhecimentos não resolvem o dilema da escolha, que só se dará através de um profundo ato de coragem. Este ato de coragem leva em conta o objetivo e o subjetivo, o racional e o emocional e propõe a elaboração de um projeto de intervenção sobre o passado pessoal e social visando o novo que o modifique, melhore ou supere. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002 p. 324).

O reconhecimento de frustação pela escolha também pode estar relacionado ao hobby, como diz E3. A palavra está ligada à atividade praticada nos tempos livres. O hobby pode confundir a busca por uma escolha que realmente traz muita satisfação ao jovem, que está vivendo a ambivalência da escolha entre o que gosta de fazer nas horas vagas e o que irá pretender trabalhar inúmeras horas durante a semana. Algumas tarefas do dia a dia podem ser penosas, e outras trazem completa satisfação. E a segunda opção sempre é relacionada a hobbies, porém transformar um hobby em profissão pode ser uma tarefa difícil. Essa transformação ultrapassa o lazer com o que agora é chamado de "prazo", maiores responsabilidades, e talvez prestação de contas para alguém, não somente cumprir tarefas para o seu lazer. É importante, portanto, escolher aquela atividade que nos trará maior gratificação, realizando-a por um período extenso de tempo. Outras poderão ser desempenhadas, como lazer, ocupando apenas parte de nosso cotidiano (SOARES, 2002).

Corroborando com o que foi destacado, a vivência com a percepção de uma escolha errada gera grande frustração na vida do estudante. A insatisfação é gerada pelo reconhecimento de que escolha não devolve a felicidade e as oportunidades que o estudante depositou nessa

decisão. Como fatores, citaram-se o reconhecimento de um hobby, dificuldade econômica para pagar as despesas da universidade e também a falta de identificação com a escolha. Todos esses motivos colaboram com a certeza de que não existe uma escolha que não possa ser modificada, seja em qual período da vida o estudante estiver. É perceptível a dificuldade que o estudante tem com o conflito da desistência, porém o reconhecimento da escolha profissional como sendo apenas o primeiro passo para muitas escolhas torna o processo mais seguro.

3-Escolha pela Psicologia

Na categoria dos motivos da escolha pela psicologia surgem diversos fatores associados aos estudos: religião, vontade de ajudar as pessoas e identificação são a maioria destes.

"Eu fazia terapia, acho que foi mais por causa disso. Eu fiquei pesquisando bem, parece uma profissão bem boa pra ajudar aos outros" (E1).

"Trabalhar com a parte organizacional é o que ta pesando. O RH nós temos pessoas que trabalham a parte apenas burocrática. A parte de pesquisa de clima, de treinamento, de formação nós não temos" (E2).

"Porque eu sou muito curioso em relação ao ser humano. Como ele se comporta, porque ele faz aquilo. Tudo isso me fascinou muito. Depois que eu entrei pra igreja me fascinou muito mais. Porque a gente luta muito contra isso né? " (E3).

"Sou apaixonada pelas questões comportamentais, de entender a mente das pessoas. Eu sou espírita também, e lá a gente estuda um pouco isso" (E4).

"Eu escolhi psicologia porque teve uma menina que fazia psicologia, foi formada esse ano, e ela começou a falar sobre o curso, eu achei bem interessante. O primeiro livro que eu comprei com o meu interesse foi de uma área de psicologia, que eu achei muito legal" (E6).

Como matéria-prima, a psicologia estuda o homem e suas diversas expressões, visíveis (comportamentos) não visíveis (sentimentos), individuais (porque somos o que somos) e o coletivo (porque somos todos assim) – o homem relacionado ao corpo, pensamento, afeto, ação, tudo isso está sintetizado no termo chamado "subjetividade". (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

A subjetividade é o resumo singular e individual que cada ser humano constitui conforme desenvolve e vivencia as experiências da vida social e cultural; identifica quem ele é, como únicos (pessoais) e também como iguais (social), de acordo com os elementos que a constituem são experienciados, ou seja, a subjetividade é formada a partir de nossa constituição no campo comum da objetividade social) (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002). Pode ser

explicada como o mundo de ideias, emoções e significados construídos pelo sujeito a partir das relações sociais, vivências e formação biológica. “É a maneira de sentir, pensar, fantasiar, sonhar, amar e fazer de cada um, é o que constitui o nosso ser”. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

A psicologia também levanta questões sobre a natureza e a constituição básica do ser humano. A psicologia questiona “Quem é o ser humano?” no contexto de descobrir as tendências e necessidades psicobiológicas que funcionam dentro das tensões e ambigüidades da existência. A psicologia, também, levanta as perguntas “O que é a consciência?” e “O que é a mente?”. Por isso, podemos descrever a psicologia como o estudo do comportamento humano e da ciência da mente. Resumidamente, a psicologia quer: 1) Descrever e analisar dados concretos, ou específicos, dentro de um campo definido (o comportamento humano); 2) Explorar as implicações desses dados concretos, a fim de predizer e controlar, num sentido positivo, o comportamento humano; 3) Gerar teorias sobre quem é o ser humano e; 4) Entender as tensões e as ambigüidades da existência, usando a linguagem, os símbolos e as formas de uma dada época, mas não, hipoteticamente, oferecer respostas aos problemas da existência. (PSICOLOGIA E RELIGIÃO, 2002).

Alguns profissionais psicólogos acreditam que a religião possa ser perigosa para a saúde mental. Essas convicções surgem após o reconhecimento da psicologia como ciência, dissociada da igreja católica, que, por muito tempo, monopolizou o estudo de psiquismo. (PSICOLOGIA CLÍNICA E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA, 2006) (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Com a separação do saber da igreja, o conhecimento tornou-se independente da fé, então a racionalidade passou a aparecer como uma possibilidade de construção de conhecimento (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002). Em contrapartida, hoje, muitos profissionais acreditam na relevância que a religião pode ter para saúde mental, como para a promoção de vida, dada a importância da espiritualidade para o ser humano (PSICOLOGIA CLÍNICA E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA, 2006). E3 e E4 citam que a religião foi um motivo importante para a escolha da psicologia, corroborando com o que diz Farris quando discorre sobre as práticas religiosas serem parte do comportamento humano e, por isso, fazerem parte do campo da Psicologia. (PSICOLOGIA E RELIGIÃO, 2002).

Após seu reconhecimento como ciência, a Psicologia ultrapassa barreiras e está disponível para diversas áreas no mundo do trabalho, como, por exemplo, a Psicologia

Organizacional. Para E2, a reescolha da Psicologia é pertinente quanto a utilização a área em que já trabalha. O psicólogo organizacional atua nas relações de trabalho para a compreensão, intervenção e desenvolvimento das relações a partir do conhecimento de Psicologia. Planeja e avalia análises de trabalho para o aperfeiçoamento no desempenho de cargos e funções, elabora, em equipe multiprofissional programas de treinamento e formação, para a otimização de recursos humanos (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1992).

A Psicologia atrai pessoas por diferentes motivações, em relação às suas diversas áreas de atuação. O saber psicológico, por meio da ciência, é habilitado a atender o ser humano em todas as áreas de sua vida, como na prestação de serviço individual na clínica, ou em grupo, na organização social. Entretanto, o reconhecimento da Psicologia como ciência contrapõe a fala dos entrevistados que relacionam a religião com o saber psicológico. Sabe-se que a utilização da religião pode ser realizada na promoção a saúde de um paciente, mas nunca referente a ciência.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciou-se o trabalho de pesquisa, constatou-se a importância de ampliar o conhecimento da área da orientação profissional. Como o mundo do trabalho tem passado por diversas transformações, a orientação profissional tem sido buscada com o intuito de fazer a escolha certa para o ingresso na universidade. Há, ainda, poucas pesquisas que explicam a desistência dos estudantes nas universidades, e de como obtiveram a certeza de sua segunda escolha.

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo geral conhecer os motivos relacionados à reescolha profissional de alunos que ingressaram no curso de psicologia como sua segunda opção. Constata-se que o objetivo geral foi atendido, pois, efetivamente, o trabalho conseguiu identificar as motivações pelas quais os alunos passam pela desistência da primeira escolha e encontram novos motivos para o ingresso nesta segunda escolha. Foram analisados todos os fatores recorrentes a tomadas de decisões nos diferentes momentos da vida.

Como objetivo específico inicial, a pesquisa buscou identificar escolhas profissionais iniciais dos alunos, sendo atingida a partir do conhecimento das motivações pelas quais os estudantes fizeram sua primeira escolha, como influências familiares e também a importância financeira do trabalho.

No segundo objetivo específico, buscou-se identificar motivos que levaram à desistência da escolha anterior, o qual foi atendido a partir da compreensão sobre quais fatores influenciaram os estudantes a desistir de sua escolha, como falta de identificação, insatisfação com o conteúdo estudado e dificuldade econômica.

No terceiro objetivo específico, analisou-se a avaliação dos motivos da escolha pelo curso de Psicologia, sendo eles, curiosidade pelo objeto de estudo psicológico, aprofundamento na área organizacional e relação com a religião.

A pesquisa partiu da hipótese de que existe relevância para a área da psicologia ter mais pesquisas sobre a escolha profissional e suas demandas. Além disso, ainda há pouco material científico em relação à reescolha profissional, e acerca das motivações pelas escolhas da psicologia. Durante o trabalho, verificou-se que a área de pesquisa em reescolha profissional é ainda pouco debatida dentre os livros e artigos pesquisados, porém tornou-se uma grande fonte de conhecimento para pesquisas futuras acerca desta questão.

Houve limitações acerca da pesquisa como material restrito disponível para o estudo deste tema, pois não existem pesquisas que abordam a reescolha profundamente. Outra limitação importante refere-se ao tamanho da amostra, que, pelo número reduzido de estudantes que aceitaram a participação da pesquisa, permite considerar os resultados encontrados apenas para a população em questão.

Para a ampliação do tema, acredita-se ser importante o desenvolvimento da pesquisa seja em universidades públicas, onde o estudante não terá como opção de reescolha o valor do curso escolhido, ou seja, de modo que a situação econômica do estudante não se apresente como um fator que possa interferir, que impeça sua escolha pelo curso desejado. Desta forma, novas formulações e novas motivações de escolha profissional aparecerão. A continuidade de pesquisas científicas no campo de orientação profissional tem grande relevância para a área, com maior amostra de dados, e até a utilização de outra metodologia de pesquisa, para que futuramente as próximas pesquisas consigam contemplar o que não foi possível neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ABRIL. Guia do Estudante. **Por que psicologia é um dos cursos mais procurados**. Disponível em: < https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/pordentrodasprofissoes/por-que- psicologia-e-um-dos-cursos-mais-procurados-pelos-estudantes/>. Acesso em: 26 set. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação Profissional:** A abordagem sócio-histórica. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BOCK, Ana M. Bahia *et al*. **A escolha profissional em questão.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995. 247 p.

BOCK, Ana M Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias:** Uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2002. 368 p.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional:** a estratégia clínica. 5. ed. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1977.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Vocacional:** Teoria, técnica e ideologia. São Paulo: Cortez, 1983.

BRASIL. Educa mais Brasil. **Psicologia: cresce o número de ingressantes no curso.** Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/cursos-e-faculdades/psicologia/noticias/psicologia-cresce-o-numero-de-ingressantes-no-curso>. Acesso em 26 set. 2018.

BRASIL. Adolescência. **Fase da vida? Faixa etária? Construção social? Afinal, o que é Adolescência?** Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>. Acesso em 26 set. 2018.

BRASIL. **Lei nº 4.119**, de 27 de agosto de 1962. Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Disponível em: < http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4119-27-agosto-1962-353841- publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 08 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 5**, de 15 de março de 2011. Diário Oficial da União. Brasília, p. 1-8. mar. 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7692- rces005-11-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 13 nov. 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Atribuições profissionais do Psicólogo no Brasil**. Brasília, 1992. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2019.

CASAES, Vanessa. **Procura por curso em Psicologia teve aumento de 25%**. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/carreira/procura-por-curso-em- psicologia-teve-aumento-de-25>. Acesso em: 11 nov. 2018.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde,** [s.l], v. 2, n. 2, p. 6-7, jul. 2005. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167> Acesso em: 11 nov. 2018

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Administração de Empresas,** São Paulo, v. 35, n. 3, p.20-30, maio/jun. 1995.

MATIAS, Lisandra. **Por que Psicologia é um dos cursos mais procurados?** Disponível em: < https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/pordentrodasprofissoes/por-que-psicologia-e-um- dos-cursos-mais-procurados-pelos-estudantes/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

NEIVA, Kathia Maria Costa. **A Orientação Profissional.** São Paulo: Paulus, 1995.

PORTELA, Girlene Lima. **Pesquisa quantitativa ou qualitativa? Eis a questão.** 2004. Disponível em: <http://www.paulorosa.docente.ufms.br/metodologia/AbordagensTeoricoMetodologicas_Port ela.pdf > Acesso em: 18 nov. 2018.

PSICOLOGIA CLÍNICA E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA. São Paulo: Estudos da Religião, 206. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv3_2006/p_cambuy.pdf>. Acesso em: 22 maio 2019.

PSICOLOGIA E RELIGIÃO: Uma análise de práticas religiosas. São Paulo: Caminhando, 2002. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Caminhando/article/view/1485>. Acesso em: 22 maio 2019.

RIBEIRO, Marcelo Afonso. Demandas em orientação profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional,** São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 141-151, dez. 2003.

SEIXAS, Pablo de Sousa. **A formação graduada em psicologia no Brasil:** reflexão sobre os principais dilemas em um contexto pós-dcn. 2014. 271 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRGN, Natal, 2014.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **Análise de conteúdo:** exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. 2013. Disponível em: < http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403> Acesso em: 18 nov. 2018.

SILVA, Laura Belluzo de Campo. **A escolha da profissão:** Uma abordagem psicossocial. São Paulo: Unimarco, 1996.

SOARES, Dulce Helena Penna. **O jovem e a escolha profissional.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

SOARES, Dulce Helena Penna. **A escolha profissional:** do jovem ao adulto. São Paulo: Summus, 2002.

SOARES-LUCCHIARI, Dulce Helena. **A re-orientação profissional apoio em época de crise**. Abop, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 81-88, jun. 1997. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-88891997000100007>. Acesso em: 23 out. 2018.

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA. **Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia.** Tubarão: UNISUL, 2015.

WHITAKER, Dulce. **Escolha da carreira e globalização.** São Paulo: Moderna, 1997.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.